

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Rafael Terra Dall' Agnol

**O passado a serviço do presente:
imaginação histórica no Brasil oitocentista (c. 1839-60)**

Porto Alegre

2014

Rafael Terra Dall' Agnol

**O passado a serviço do presente:
imaginação histórica no Brasil oitocentista (c. 1839-60)**

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Temístocles Américo Corrêa Cezar

Porto Alegre

2014

AGRADECIMENTOS

Lembro-me de um dia em que uma colega do curso de História disse-me que a parte mais prazerosa de um trabalho de conclusão de curso era o momento em que se faziam os agradecimentos. Eu, ainda jovem no curso, imaginei-me na situação em que ela se encontrava, ou seja, no final do curso, tendo de fazer o tão aclamado agradecimento. Pois bem, agora que me encontro nessa situação sinto-me totalmente perdido. Por conseguinte, nestes agradecimentos muitos nomes ficarão de fora, pessoas com as quais convivi ao longo desses últimos quatro anos. Não importa, pois a elas dirijo meu agradecimento profundo e pessoal.

Devo também dizer que este trabalho não foi fruto de um isolamento total para que alguma idéia genial me “atingisse”. Não mesmo. As poucas mais de quarenta páginas a seguir, foram escritas conforme o ritmo da vida em que todos nós nos encontramos atualmente, no qual parece que não se tem tempo para se fazer o que gostaríamos, com a dedicação de que necessitamos. Por isso, devo agradecer primeiramente ao meu orientador, que nunca me deixou desistir e que com uma capacidade de análise perspicaz e, além de tudo bom-humor, tornou este trabalho mais leve e prazeroso de ser feito. Evidentemente que assumo completa parcela pelos possíveis erros que possam conter esta monografia. O professor Temístocles Cezar foi, ao longo deste ano de 2014, mais do que um orientador, foi um amigo que sempre procurou me ajudar em momentos de dúvidas.

Também desejo fazer um agradecimento especial ao colega e amigo William Amaral pelo companheirismo e por aliar momentos de descontração (e foram muitos) juntamente com dicas muito pertinentes durante a realização desta tarefa que trouxe muitos aspectos positivos para a minha maturidade intelectual. Se saio com um “saldo positivo” do curso, ele é muito mais realçado pelas amizades que pude fazer ao longo desses quatro anos. Com isso, estendo meus sinceros agradecimentos a todos que estiveram ao meu lado durante minha graduação em Licenciatura em História.

Por fim, poderia citar e citar nomes interminavelmente. Não obstante, prefiro guardá-los na memória, pois tive a alegria de ter muitas pessoas que me ajudaram a compreender que a felicidade somente tem verdadeiro significado à medida que possamos compartilhá-la. E nos últimos quatro anos da minha vida creio que pude realizar isso.

RESUMO

Este trabalho monográfico tem como temática principal a imaginação na escrita da história da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro durante o período compreendido entre os anos 1839 e 1860. Além disso, fez-se um estudo sobre *Plutarco Brasileiro*, de João Manuel Pereira da Silva. Procura-se entender como a imaginação era entendida neste contexto brasileiro oitocentista, a partir da noção da imaginação como (re)apresentação do passado presente no discurso histórico, objetivando oferecer ao leitor uma experiência do que outrora acontecera.

PALAVRAS-CHAVE: imaginação; tempo histórico; discurso histórico.

ABSTRACT

This monograph has as its main theme the imagination in the writing of the history of the Journal of the Brazilian Historical and Geographical Institute during the period between the years 1839 and 1860. Moreover, there was a study on Brazilian Plutarch, João Manuel Pereira da Silva. It seeks to understand how the imagination was understood in nineteenth-century Brazilian context, from the notion of imagination as (re)presentation of the past from the historical discourse, aiming to offer the reader an experience of what once happened.

KEYWORDS: imagination; historical time; historical discourse.

SUMÁRIO

Introdução	6
1. Capítulo I	
1.1 Januário da Cunha Barbosa e Humboldt: entre a razão e a imaginação. Um diálogo possível	12
1.2 O passado vivo no presente: uma análise dos elogios e necrológios históricos produzidos no IHGB	16
2. Capítulo II	
2.1 Januário da Cunha Barbosa e o projeto biográfico	22
2.2 A imaginação no poeta: uma análise de <i>Plutarco Brasileiro</i>	24
2.3 A imaginação no historiador: uma análise de <i>Plutarco Brasileiro</i>	27
3. Capítulo III	
3.1 A presença da morte nos discursos dos membros do IHGB.....	32
3.2 A relação entre a manutenção da <i>historia magistra vitae</i> e a imaginação	36
4. Conclusão	40
5. Fontes Principais	42
6. Referências Bibliográficas	42

Introdução

Os *logoi* e os *erga*: a palavra e as ações, mas também os discursos e as façanhas – eis o problema para o historiador.¹

No século XIX a história busca consolidar-se enquanto disciplina científica. Na idade de ouro da história, segundo Hayden White, é o momento em que a tarefa de lidar com o passado passa por profundas transformações, na qual se verifica a busca pela racionalidade do conhecimento histórico. Com isso abre-se um leque de inúmeras possibilidades e, simultaneamente, de hesitações na disciplina. Stephen Bann, em *The clothing of Clio: a study of the representation of history in nineteenth-century Britain and France*, destaca as diferentes formas de representação histórica utilizadas na tentativa de expressar uma nova visão do passado. O autor ainda assinala que, durante esse período, havia uma preocupação com a autenticidade relacionada à emergência de uma nova e profissional historiografia.² Essa nova configuração da disciplina histórica, ainda que em gestação, é tributária da filosofia das Luzes do século anterior, ou seja, “ao questionar as condições de possibilidade da História, a filosofia das Luzes confere, no mesmo movimento, dignidade a este campo, tornando-o objeto de uma reflexão sistemática e passível de um conhecimento racional”.³ A relação entre as filosofias da história e a concepção da história como disciplina permite pensar sobre o que seria a moderna escrita da história.

O historiador germânico Leopold von Ranke é um exemplo bastante sintomático do que se quer dizer aqui: em Ranke a história é conhecimento do passado e o historiador, como homem de letras, torna-se o responsável por trazê-lo para o conhecimento público⁴. O passado histórico, como objeto do historiador do século XIX,

¹ HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores vêem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 41.

² BANN, Stephen. *The clothing of Clio: a study of the representation of history in nineteenth-century Britain and France*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

³ GUIMARÃES, M. L. S. “Entre as Luzes e o Romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista”. In: *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 68. Ainda segundo o autor: “Longe de pensarmos um século XVIII não histórico por oposição a um século XIX histórico, iremos pensá-los como expressando duas preocupações distintas com relação ao interesse pela História”. *Idem*, p. 69.

⁴ “Atribui à história a tarefa de apontar para o passado, de instruir o mundo contemporâneo para proveito da posteridade: o presente trabalho não aspira a uma tarefa tão elevada, pretendendo apenas mostrar como

o leva a romper, não sem algumas exceções evidentemente, com a *historia magistra vitae*. O passado não mais ilumina o futuro e o historiador deve estudá-lo sem interesses políticos imediatos no presente.⁵ No século XIX, pois, passado e futuro readquirem nova fisionomia com o surgimento do moderno conceito de história. François Hartog caracteriza o regime de historicidade moderno como fortemente marcado pelo futuro, em que as lições da história estão no porvir e não mais no passado, sendo um grande exemplo dessa tendência a filosofia da história de Marx.⁶

Em relação ao Brasil oitocentista, a escrita da história tornou-se, nesse período assinalado, objeto de debate com importantes implicações teórico-metodológicas. Enquanto a história dava seus primeiros passos como disciplina científica, observava-se momentos de filiação e distanciamento em relação aos modelos historiográficos antigo e moderno. É nesse tensionamento, por vezes *camuflado*, que se insere este trabalho sobre a imaginação na escrita da história no Brasil oitocentista (c.1839-1860). Parece estranho, em uma primeira leitura, falar de imaginação histórica no mesmo momento em que a história busca consolidar seu status de ciência, em que se impõe uma série de parâmetros teórico-metodológicos como a crítica documental, a imparcialidade do historiador, a busca pela verdade histórica etc. Posto isso, pode-se remeter ao trabalho de Hayden White. Em *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*, o autor faz uma análise profunda da imaginação histórica presente em autores, entre os quais

as coisas realmente aconteceram”. RANKE, Leopold von. *Pluebos y estados em la historia moderna* (1824). México: FCE, 1986 (prefácio).

⁵ “Em resumo, o passado histórico como pressuposto temporal que recorre ao regime de temporalidade moderno, é um passado humano que se define por sua diferença com o presente, que surge na fronteira que o distingue do presente. É o ‘outro’ que, ainda que possa ser múltiplo ou ter diferentes planos ou escalas temporais, resguarda ao historiador de ser parcial ou ‘comprometido’ pela distância que o separa. Supõe um tempo irreversível que exclui qualquer repetição, impedindo que possa ser tomado como exemplo ou guia para o presente ou futuro. Esta distinção entre passado e presente não chega a um limite de ruptura que obstrua sua inteligibilidade. O passado, assim entendido, é o conhecido através da investigação histórica. Por último, o passado histórico é inteligível graças ao sentido que lhe dá o historiador”. MUDROVIC, Maria Ines. “Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos: del pasado histórico al pasado presente”. *Historiografías*, vol. 1, n. 5, Enero-Junio, 2013, p. 20.

⁶ HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. O autor entende por regimes de historicidade uma maneira de se articular passado, presente e futuro em uma reflexão da experiência humana *do e no tempo*.

Tocqueville, Michelet e Leopold von Ranke e de filósofos como Hegel e Croce.⁷ Hayden White analisa algumas obras de profunda erudição do século XIX para problematizar sobre a utilização de tropos: metonímias, ironia, metáfora e sinédoque por parte dos historiadores, que acabam por transcender o reino dos fatos, e utilizam além desses tropos linguísticos também da imaginação, da comédia, da tragédia e do romance como formas de compor o que ele chama de uma “Meta-história”. Para o autor, a história combina três modos ou estratégias de explicação: o enredo, a argumentação e a ideologia. É a combinação desses três fatores que define os estilos da narrativa histórica do século XIX. Assim sendo se em Michelet observamos suas obras serem inseridas dentro de um enredo de “estória romanesca” com uma argumentação formalista e de ideologia anarquista, em Burckhard há a predominância da sátira na construção de suas histórias. O trabalho de Hayden White tem grande importância por tratar da relação do historiador com a linguagem. Isso não significa, contudo, “que se deva ver o mundo exclusivamente em termos de linguagem (“imperialismo do texto”), ou a linguagem apenas como um reflexo do mundo (“contextualismo” redutivo).⁸ Este trabalho é tributário da grande obra de White, porém desvia-se dele e assume contornos próprios como poder-se-á ver posteriormente. Em outras palavras, se foi possível a realização de um amplo estudo sobre a imaginação histórica europeia durante o século XIX, por que não pensar algo semelhante, a partir de uma agenda própria de investigação, no contexto brasileiro? Ainda nesse sentido, a escrita da história oitocentista não deve ser dissociada daquilo que Stephen Bann define como uma poética histórica, isto é, um conjunto de dispositivos e estratégias a fim de representar o passado. Essa foi a primeira motivação deste trabalho e o primeiro questionamento sobre a sua viabilidade. Aceito o desafio, o resultado é o que segue a seguir.

Duas foram as fontes principais utilizadas a *Revista do IHGB* e *Plutarco Brasileiro*, de Pereira da Silva. Ambas estão conectadas pela continuidade, posto que Pereira da Silva fora membro do IHGB, para o qual escrevera algumas breves biografias, e muito do que no Instituto se discutia foram assimilados pelo historiador. Em relação ao IHGB busca-se demonstrar a existência do que se denominou um

⁷ WHITE, Hayden. *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

⁸ KRAMER, Lloyd S. “Literatura, crítica e imaginação histórica: O desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra”. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

exercício imaginativo presente nos trabalhos selecionados, sobretudo os elogios e os necrológicos históricos. Já em Pereira da Silva o objetivo é estabelecer uma comparação sobre a maneira como ele vislumbra a imaginação presente no poeta biografado daquela presente no historiador Rocha Pita, de quem faz uma biografia. Ainda em relação ao Instituto, na última parte do trabalho, ao lidar com os discursos fúnebres por ocasião de falecimento de membros do IHGB, buscou-se uma análise mais relacionada à utilização de certos recursos cognitivos, como a comparação, e a relação com a idéia da história como mestra da vida com um campo de experiência contínuo. Cabe dizer, por fim, que preferi manter a grafia original nas fontes citadas a fim de manter a *couleur locale* da época estudada.

Dito isso, são necessárias algumas ressalvas sobre a noção de imaginação histórica aqui utilizada. Neste trabalho, não se está buscando fazer uma história das mentalidades situada “no ponto de junção do individual e do coletivo, do longo tempo e do cotidiano, do inconsciente e do intencional, do estrutural e do conjuntural, do marginal e do geral”.⁹ Com isso, a história das mentalidades aproxima-se da psicologia social, etnologia, história do sistema cultural entre outros. Buscam-se outros caminhos ao tratar a questão da imaginação, desvinculados da proposta de uma história das mentalidades. Da mesma maneira, não se está operando com a noção do imaginário que, segundo Cornelius Castoriadis “É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de ‘alguma coisa’”.¹⁰ Se tem-se aqui um espaço e um tempo cronológico definidos, a partir dos quais é produzido dado discurso histórico, a noção de criação social-histórica e psíquica indeterminada foge aos propósitos dessa temática. Pode-se antecipar, em poucas palavras, o que se entende por imaginação na escrita da história no Brasil oitocentista entre 1839-1860 por meio da hipótese deste trabalho. A hipótese é de que a imaginação na escrita da história da *Revista do IHGB* é utilizada pelos letrados do período como uma forma de (re)apresentação do passado a partir do discurso histórico, objetivando oferecer ao leitor uma experiência do que outrora acontecera.

⁹ LE GOFF, Jacques. As mentalidades: uma história ambígua. In: *História*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. Vol. 3, p. 68-83.

¹⁰ CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 13.

Viver o tempo que se pensa e pensar o tempo em que se vive. Talvez, esse seja o principal desafio da contemporaneidade em um período em que as relações entre passado, presente e futuro parecem passar por grandes modificações, conferindo a todos os partícipes da história do tempo presente uma experiência temporal própria e peculiar. Lá no Brasil oitocentista o desafio também está posto. Aqueles homens tomaram para si a tarefa da consolidação de uma intelectualidade singular que, se, muitas vezes, é influenciada e condicionada por pensadores estrangeiros, a partir das especificidades do Brasil da primeira metade do século XIX, deparou-se com outros desafios, sobretudo vinculados à monarquia constitucional, enquanto projeto político unificador, e à formação da idéia de nação. O melhor jeito encontrado para refletir, através da própria reflexão proposta pelos letrados do período, foi por meio de uma *história da historiografia*, entendida aqui como uma subdisciplina, que possui procedimentos metodológicos autônomos, sempre em diálogo com outros campos de saber, mas também como uma forma de história, que busca, entre outros temas, compreender a relação de determinada sociedade, grupos sociais ou indivíduo com o tempo e sua implicação na produção de dado discurso histórico. Esses foram os princípios norteadores dessa pesquisa materializada em um trabalho de conclusão de curso.

1. Capítulo I

Assim como a artística, a exposição histórica é uma imitação da natureza. O fundamento de ambas é o conhecimento da forma verdadeira, a descoberta do necessário e a eliminação do contingente. Não devemos nos intimidar em aplicar ao historiador o processo criativo do artista, já que neste é mais evidente o seu processo do que naquele, sobre o qual recaem muitas dúvidas.¹¹

A vida moral tem suas condições e suas leis; compõe-se também de circunstâncias ligadas por meio de relações quasi necessárias; a philosophia póde reconhecê-las e demonstrá-las; e a imaginação com mais celeridade e certeza, saberá então dellas assenhorear-se.¹²

1.1 Januário da Cunha Barbosa e Humboldt: entre a razão e a imaginação. Um diálogo possível

Em 1838 foi fundado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tendo como um dos seus principais objetivos delinear o perfil da nação brasileira. Nesse sentido a fundação do IHGB está estritamente relacionada com a questão nacional.¹³ Resultado disso é o fato de os letrados do Instituto procurarem a concretização de um projeto nacional capaz de integrar as diferentes áreas e realidades sociais brasileiras durante o Segundo Reinado. Ou seja, “impunha-se a tarefa de delineamento do perfil para a *nação brasileira*, capaz de garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das *nações* [...]”.¹⁴ Se a história era a responsável pela integridade dos aspectos sociais, cabia à

¹¹ HUMBOLDT. “Sobre a tarefa do historiador” In: MARTINS, Estevão de Rezende. *A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p 87.

¹² *Revista do IHGB*, 1839, p. 12.

¹³ DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 30*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, pp. 23-36. Ao longo do século XIX, principalmente na Europa, o debate em torno da questão nacional mereceu posição privilegiada em espaços acadêmicos no mesmo momento em que há uma disciplinarização da história, ou seja, a reflexão de forma mais sistematizada e científica de se pensar o saber histórico.

¹⁴ *Idem*, p. 24.

geografia os aspectos físicos. Nesse momento davam-se os primeiros passos para o desenvolvimento de uma *cultura historiográfica* que, diferentemente do que acontecia na Europa do século XIX, teve como espaço privilegiado, no Brasil, as academias e os institutos.¹⁵ Há ainda que salientar a relação entre L'Institut Historique de Paris com os letrados brasileiros, sendo a França um modelo a ser seguido pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.¹⁶ Ou seja, o trabalho que os letrados do IHGB estavam começando não estava dissociado do que ocorria em outras partes do mundo.

No discurso de inauguração do Instituto o cônego Januário da Cunha Barbosa tece algumas considerações importantes sobre a tarefa do historiador e sobre o papel da imaginação no trabalho histórico. Segundo ele, influenciado pelo barão de Barante, há uma semelhança entre a tarefa do historiador e a do naturalista, já que o naturalista “com pequenos fragmentos de ossos, colhidos das escavações, como que ressuscita um animal, cuja raça desconhecida existia em plagas que sofreram cataclysmos”.¹⁷ Seguindo a argumentação feita, através da analogia tecida por Barbosa, poder-se-ia questionar de que maneira o historiador compõe o todo, isto é, uma história geral, ou na linguagem atribuída ao naturalista ressuscita o animal, a partir de fragmentos? Alguns anos antes do discurso proferido por Januário da Cunha Barbosa, W. von Humboldt, pensador alemão do século XIX, escreveu em 1821 um texto intitulado *Sobre a Tarefa do Historiador*.¹⁸ Segundo ele, a principal tarefa do historiador consiste na exposição do acontecimento,¹⁹ não obstante, para expor o que aconteceu outrora o historiador deve, nos dizeres do pensador alemão, compor um todo a partir de fragmentos. Se há uma parte visível do fato, cuja observação imediata poderia captá-la, por outro lado existe a necessidade de procedimentos mais específicos para se obter a verdade do acontecimento, já que “a observação imediata só capta a concomitância e a sequência

¹⁵ *Idem*, pp. 23-36.

¹⁶ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, pp. 99-114. Fundado em 1834 o IHP representou, nas palavras de Salgado, não somente um exemplo a ser seguido, mas também uma instância de legitimação social para o IHGB. Para uma visão mais ampla sobre a relação da historiografia brasileira com a francesa ver BOEIRA. Luciana Fernandes. Dois mundos em revista: visões e influências da historiografia francesa para a escrita da história do Brasil oitocentista, *Revista de Teoria da História*, 11, maio/2014, pp. 11-38.

¹⁷ *Revista do IHGB*, 1839, p. 12.

¹⁸ HUMBOLDT, *op. cit.*, pp. 82-100.

¹⁹ *Idem*, p.82.

das circunstâncias, jamais o contexto causal interno no qual exclusivamente se encontra a verdade essencial [*innere Wahrheit*].²⁰ Para obter tal intento, faz-se necessário, resguardadas as devidas diferenças, aproximar as áreas do historiador e do poeta. Já para Barbosa, a resposta sobre como seria possível escrever um história geral a partir de fragmentos parece ser a necessidade de a história ser escrita à maneira filosófica²¹, pois “A vida moral tem suas condições e suas leis; compõe-se também de circunstancias ligadas por meio de relações quasi necessarias; a philosophia póde reconhecê-las e demonstra-las”.²² O que aproxima o trabalho de Humboldt com o de Barbosa é o papel atribuído à imaginação, ou como sugere Humboldt à fantasia.²³ Para o membro do IHGB, a imaginação aparece ao lado da filosofia na elaboração de uma história escrita no modo filosófico, já que “A razão do homem, sempre vagarosa em sua marcha, necessita de um guia esclarecido e seguro, que acelere os seus passos”.²⁴ Em outras palavras, no discurso de inauguração do IHGB a palavra imaginação aparece explicitamente e seu papel para a escrita da história é considerado relevante para o cônego Barbosa.

W. von Humboldt, no texto anteriormente citado, assemelha, como já dito, as atividades do historiador e do poeta a partir do uso da fantasia. Se para atingir a verdade do acontecimento precisa-se da complementação a ser feita pelo historiador ela é possível desde que se subordine a fantasia à experiência e à investigação da realidade. Ou seja, embora Humboldt aproxime historiadores dos poetas para aqueles encarregados da exposição do acontecimento “a fantasia não age livremente, razão pela qual é melhor denominá-la ‘faculdade da intuição’ e ‘dom de estabelecer conexões’”.²⁵ Se a tarefa daqueles que lidam com a pesquisa histórica é “compor um todo a partir de fragmentos”, torna-se de extrema importância o reconhecimento, por parte do historiador, de formas, por meio do uso da fantasia, residindo nisso a sua autonomia. A

²⁰ *Ibidem*.

²¹ A expressão “história filosófica” deve ser entendida como uma historiografia centrada na história das nações e civilizações, cujo sentido não deveria mais ser buscado nas ações da Providência divina. OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*, RJ: Editora FGV, 2011, p. 42.

²² *Revista do IHGB*, 1839, p. 12.

²³ A partir da leitura de Humboldt, é possível depreender que as palavras imaginação e fantasia possuem o mesmo significado.

²⁴ *Revista do IHGB*, 1839, p. 12.

²⁵ HUMBOLDT, *op. cit.*, p.84.

partir do estudo da história, o homem encontra o sentido para a realidade e o historiador o busca no desenvolvimento subjetivo desse conceito. A afinidade da história com a vida está menos em fornecer exemplos que devem ser seguidos ou evitados do que fazer reviver o sentido para a realidade ao construir símbolos. Nas palavras do pensador alemão, “A história deve sempre produzir esse efeito interno, não importando, no caso, se o seu objeto é uma teia de eventos ou a narrativa de um fato singular”.²⁶ A fantasia, ou em outras palavras a imaginação, mostra-se como um importante recurso cognitivo no processo criativo do trabalho do historiador, já que a busca da verdade histórica passa, além da “fundamentação crítica, exata e imparcial dos acontecimentos”, por “intuir o que não fora alcançado pelo primeiro meio”.²⁷ Intuir, por conseguinte, é um dos desprendimentos do significado do conceito de imaginação no século XIX.

Enquanto Humboldt destaca o papel da história para perseguir a imagem do destino humano em sua verdade autêntica, Barbosa, em uníssono com Barante²⁸, rejeita o papel da providência na busca da explicação dos fatos históricos por não ser passível de apreensão pelos homens, já que se objetivava a elaboração de uma história que fosse geral e escrita à maneira filosófica. Cabe ao historiador, pois, estabelecer a relação causal entre passado, presente e futuro.

A sorte geral da humanidade muito nos interessa, e nossa sympathia mais vivamente se abala quando se nos conta o que fizeram, o que pensaram, o que soffreram aquelles que nos precederam na scena do mundo: é isso o que falla á nossa imaginação, é isso o que resuscita, por assim dizer, a vida do passado, e que nos faz ser presentes ao espectáculo animado das gerações sepultadas. Só desta arte a história nos pode offerecer importantíssimas lições; ela não deve representar os homens como instrumentos cegos do destino, empregados como peças de um machinismo, que concorrem ao desempenho dos fins do seu inventor. A história os deve pintar taes quaes foram na sua vida, obrando em liberdade, e fazendo-se responsaveis por suas acções. A Providencia, é verdade, faz muitas vezes sahir o bem do seio do mal, a ordem das turbulências da anarchia, e a liberdade dos terrores do despotismo; mas, é força dizei-o, Srs., estes caminhos não estão ao nosso alcance; os caminhos

²⁶ *Idem*, p. 87.

²⁷ *Idem*, p. 84.

²⁸ Sobre a utilização de Barante por Barbosa ver CEZAR, Temístocles. "Lição sobre a escrita da história. Historiografia e Nação no Brasil do século XIX", *Diálogos*. Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá/PR, v.8, n.1, 2004, pp. 11-29.

do homem são traçados pelos seus deveres, e aos olhos da Musa severa da história o crime sempre deve ser crime.²⁹

Outro aspecto interessante no trecho acima citado diz respeito à história enquanto responsável por “pintar (os homens) taes quaes foram na sua vida”. Por meio do discurso histórico cabia à história, e aqueles que dela se encarregassem, apresentar ao público o que fizeram, pensaram e sentiram os homens de outrora. A noção de pintar algo implica na preponderância da visão como o sentido mais “apto” à apreensão do passado, porém, torna-se impossível ver o passado distante através de nossos olhares. Para isso, então, é necessário apresentá-lo ao leitor - não mais mostrando homens como instrumentos cegos do destino - a partir do uso da palavra. A imaginação, ou a idéia de pintar imagens por meio do discurso histórico, aproxima-se da noção de *enargeia* dos antigos relacionada à forma de ver e fazer ver a história. Etimologicamente, por conseguinte, a *enargeia* dos gregos é traduzida por Cícero e Quintiliano, através da noção forjada de *evidentia*, denotando na capacidade de “pôr algo sob olhos do espectador”.³⁰ François Hartog destaca essa relação entre a *enargeia* e a *evidentia*, chegando a evidência dos oradores. Agora “Não estamos na visão, no primeiro sentido, mas no *como se* da visão, já que o verdadeiro trabalho do orador consiste em transformar, como é sublimado por Plutarco, o ouvinte em expectador”.³¹ Transformando o ouvinte em expectador “pela potencia da imagem, o ouvinte é afetado a semelhança do que teria ocorrido se ele estivesse realmente presente”.³² Este parece ser o intento de Barbosa em seu discurso ao tratar da imaginação tornar presente um dado passado, devendo esse passado ser *pintado*, *imaginado*, realçando o papel do historiador como sendo o responsável por essa *pintura*.

1.2 O passado vivo no presente: uma análise dos elogios e necrológios históricos produzidos no IHGB

²⁹ *Revista do IHGB*, 1839, pp. 12-13.

³⁰ OLIVEIRA, Maria da Glória de, *op. cit.*, p. 43.

³¹ HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores vêem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 12.

³² *Ibidem*.

Quando se percorre essa grande epopeia traçada por tantas pennas illustres [...]a mente humana parece subjugada com o peso de tantos factos, com o contraste de tantas vicissitudes; a imaginação como que cançã quando mede o curto intervallo de tempo em que se passaram scenas tão variadas e extraordinarias.³³

Os elogios e necrológios históricos constituem boa base documental para realçar o papel da imaginação no trabalho dos membros do IHGB. Por mais que não se encontre sempre menção explícita à palavra em muitos casos, pode-se destacar o que aqui se convencionou chamar de um *exercício imaginativo* com o intuito de trazer ao público o passado e tornar presente o que antes já havia acontecido. Por conseguinte, convém indagar sobre qual passado esses documentos tratam e a partir de quais interesses? Os letrados do IHGB estabeleceram como princípio básico a montagem do que se conhece como um *panteão de heróis*. Ao retratar os grandes homens que prestaram valorosos serviços à pátria, a imagem que se produzia desses *heróis* era a de alguém respeitável por sua vida exemplar. A homenagem aos mortos feita a partir da palavra, ou seja, do discurso histórico deveria produzir no ouvinte um efeito de presença para que ele se transformasse também em expectador. A reconstituição de apontamentos biográficos seja na seção destinada para esse fim no Instituto ou nos elogios e necrológios históricos tinha uma missão pedagógica ao divulgar para o público o modelo a ser seguido visando interesses particulares ao caso brasileiro na primeira metade do século XIX, que era o de formação da nação, mas que, antes e acima de tudo, visava a concretização do projeto monárquico de Dom Pedro II minimizando a fragmentação e os conflitos políticos, assim como ao difundir essas vidas exemplares criava-se um guia moral ou cívico a ser seguido. Com isso, por mais que se verifique a modéstia de Diogo Soares da Silva de Bivar ao fazer o elogio histórico de Francisco Agostinho Gomes, no excerto a seguir, quando relata os seus minguados talentos após tecer considerações sobre o homenageado, a importância de Diogo consiste em traçar, ao menos esse é seu intento, um quadro de verdade. O passado, já morto, por assim dizer, se transforma em uma reconstituição viva e presente através deste breve elogio histórico.

³³ *Revista do IHGB*, 1839, p. 39.

Nem sempre o merecimento litterario e scientifico se hade graduar e aferir só pelo numero e peso dos escriptos, ou pelo primor e o acabado das producções. Um certo acanhamento, que vem da nossa disposição organica, e por ventura tambem da nossa educação, uma honesta desconfiança de si proprio, por maior que seja a sufficiencia e a capacidade, e, finalmente, aquella timidez de modestia, que collhe as azas aos vôos do espirito e da imaginação, fazem não poucas vezes com que o litterato, rico aliás de saber e de erudição, não legue á posteridade titulos publicos, por assim me explicar, da sua reputação.

São estas, Senhores, as ponderosas considerações que moveram o Instituto Historico e Geographico Brasileiro a votar hoje á memoria do seu lamentado consocio o Sr. Francisco Agostinho Gomes o pequeno elogio, que eu vou tecer-lhe; e se os minguidos talentos do Orador, nem no delineamento do plano, nem nas artes do estylo podem acertar de o fazer feliz, terá ele ao menos a consolação, e por certo a tem, de dizer o que sente, em frase singela, e com palavras de verdade.³⁴

O passado não chega sozinho até o presente. É necessária a intervenção humana para reconstruí-lo e não submetê-lo a voragem dos tempos. No caso do Instituto do Orador, como detentor da palavra, se transforma também em historiador ao carregar consigo certo dever de memória, entendido aqui como o dever, que ele tem de transmitir à posteridade, não apenas os nomes e alguns acontecimentos biográficos dos *brasileiros ilustres*, mas também o papel deles na construção da pátria. Forjava-se, desse modo, a construção de uma *galeria de heróis* em que passado e presente mesclavam-se, já que se objetivava, ao reconstituir o que outrora acontecera, a legitimação da monarquia no Brasil. Nesse sentido, “pintar (os homens) taes quaes foram na sua vida” aqui é entendido como demonstrar ao público a fidelidade desses biografados para com a pátria e a monarquia, tendo por obrigação a dissipação de quaisquer dúvidas que possam surgir a esse respeito. No caso em questão, Francisco Agostinho Gomes havia sido chamado em 1797 para ir até Portugal por conta de algumas suspeitas, ou como diz Diogo Soares por “prevenções políticas da metrópole”. A justificativa por ter relatado esse acontecimento na vida de Gomes é acentuar que “o Sr. Francisco Agostinho Gomes nunca pertenceu á seita d’esses idealistas [...]”. Prezando a liberdade assentada na lei, ele almejava “sempre pela independencia da sua patria” e tendo como convicção

³⁴ *Revista do IHGB*, 1842, p. 28 (suplemento).

a “concepção de governo a da monarchia representativa, por ser a mais bem combinada para conservar no fiel a balança dos direitos e poderes [...] sem as quais nenhum povo se póde dizer feliz”.³⁵

No ano de 1839, o orador do IHGB Pedro de Alcantara Bellegarde teve diante de si a tarefa de fazer o elogio histórico de seu único irmão o major Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde. O que poderia ser tomado com uma situação difícil causada por certo embaraço, já que se torna difícil descrever com imparcialidade quem antes esteve tão próximo acaba requerendo de Bellegarde, ao menos para tirar um “peso” de sua consciência, uma justificativa para si e para o público advertindo que “procurarei que não me cegue o affecto, e limitar-me-hei á pura e sincera narração do que importa: pois, com o poeta, *louvar aos meus proprios arreceio*”.³⁶ Após breve descrição sobre alguns aspectos da vida do biografado, o Orador do Instituto destaca a adesão de seu irmão no processo de independência brasileira, mas acima de tudo suas características pessoais como alguém que sempre esteve ao lado dos pobres, com um amor filial e generosidade que se sobressaiam em seu caráter, além de um grande amante das letras. Não obstante, para que o público tivesse diante de si imagem do falecido transformando esse ouvinte em expectador e contanto com a visão como o sentido mais eficaz para a objetivação de seu intento, pois, talvez, pode-se dizer que imaginar signifique ver só que de uma outra maneira realçando aquilo que Quintiliano dizia ser os olhos da mente, a lembrança *fiel* do Orador por ter estado junto do homenageado em muitos momentos devido a sua filiação sanguínea o leva a descrever, brevemente, aspectos físicos do biografado, tais como sua estatura e fisionomia.

Choraram-o os pobres de quem fôra sempre esclarecido e generoso protector, e que lhe deveram o estabelecimento de uma irmandade, e a construcção de uma casa de caridade: faltou aos pais de familia para quem havia feito organizar um collegio de educação de meninos, sob a invocação de S. Pedro de Alcantara, e que falta do seu amparo, pouco depois cahiu.

O major Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde era de pequena estatura, porém bem proporcionado, claro, de character extremamente jovial e vivo, que, reunindo a outras qualidades, o faziam lembrando e desejado para o trato particular. [...] Na vida activa e contrastada que pela ardencia de seu genio,

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Revista do IHGB*, 1839, p. 226.

trabalhos e circunstâncias passára, duas qualidades sobressaíram sempre ás outras como predominantes, a generosidade e o amor filial.³⁷

Segundo Manuel de Araújo Porto Alegre o passado deve ser visto pela posteridade mediante à evocação do anjo da imparcialidade, pois, só assim, torna-se possível distinguir “o aparente do real, o falso do verdadeiro”. Diante da morte em que todos os homens se igualam e o manto das paixões mundanas é despido, é necessária uma atitude de silenciamento o que o leva a dizer que deveriam apenas ser citados no ano de 1844 os nomes dos treze membros do Instituto que faleceram. Não obstante, para Porto Alegre torna-se imprescindível romper com essa “eloquência do silêncio”, já que “um dever imperioso me obriga a abandonar um eloquente silêncio, para apontar alguns dos factos mais salientes da vida de tão conspícuos cidadãos das letras, e a lançar mais uma grinalda de saudades sobre sua verdadeira memória”.³⁸ Após enumerar uma série de realizações feitas pelo Cardeal Bartholomeu Pacca dentro da Igreja Católica, ele diz que “por esta simples enumeração de alguns factos da vida do nosso illustre consocio, o Cardeal Pacca, a vossa mente, Senhores, transborda em um pelago de contemplanções”.³⁹ Com isso, Porto Alegre exige do público que o escuta a capacidade de abstração da realidade atual para a imersão em mundo desconhecido, ou que não se mostra totalmente visível até o primeiro momento, mas que com as palavras proferidas pelo Orador, é trazido com emoção através da vida do Cardeal o que leva Porto Alegre a proferir: “Que vida tão intensa de factos tão grandiosos!”. Pode-se novamente recorrer ao que W. von Humboldt disse sobre a criatividade do historiador. Em outras palavras, para não ser alguém, meramente receptivo e reproduzidor do conhecimento o historiador, sempre objetivando o estabelecimento da verdade histórica, deve fazer uso da imaginação. A capacidade imagética do historiador coincide com a estilização do passado retratado de forma eloquente (o que não significa falsificá-lo). Retratando uma época caracterizada por muitos conflitos envolvendo sobretudo a Igreja e os monarcas, Manuel de Araújo parece querer retratar com vivacidade esse momento adjetivando-o e colorindo-o com suas palavras. Orador e Historiador. Historiador e Orador. Ambos aqui mais uma vez “fundem-se”. O primeiro com sua preocupação pelo passado, enquanto que o segundo eloquentemente o retrata.

³⁷ *Idem*, p. 231.

³⁸ *Revista do IHGB*, 1844, p. 37.

³⁹ *Idem*, p. 39.

Ao grito de alerta, ao estrondo da artilharia, a terra se abalava: a águia do Corso passava sacudindo milhares de bayonetas em sua abalada marcial, com o vento de suas azas desmornava Thronos antigos, e com as garras victoriosas arrebatava os sceptros e as Corôas, que pareciam destinadas a dominar sem interrupção por toda a humanidade.

Que horrivel confusão na escola social, nas categorias estabelecidas por tantos seculos, e observadas por tantas gerações! A purpura convertida no manto do foragido, o sceptro no bordão do peregrino, as idéas, as convicções, o amor, sopitados pelo ribombo do canhão, pelos relampagos das bayonetas, pela ferocidade da conquista [...] Que cataclismo! E no entanto, a bussola e a imprensa tinham já sido brindadas á humanidade⁴⁰

⁴⁰ *Idem*, pp. 38-39

2. Capítulo II

E será pouco arrancar do esquecimento, em que jazem sepultados, os nomes e feitos de tantos illustres Brasileiros, que honraram a patria por suas letras e por seus diversos e brilhantes serviços?⁴¹

2.1 Januário da Cunha Barbosa e o projeto biográfico

Um dos pontos principais assinalados por Cunha Barbosa, durante seu discurso, foi a proposta de um projeto biográfico aos membros do IHGB, já que por meio da vida dos grandes homens do passado poder-se-ia estabelecer parâmetros para a atuação no presente. O exemplo maior não poderia ser outro do que o livro de Plutarco: “he uma excellente escola do homem, por que offerece em todos os generos os mais nobres exemplos de magnanimidade”.⁴² Esse aspecto reforça o princípio norteador para os membros do Instituto na relação com a história, inspirada no orador romano da antiguidade Cícero a *historia magistra vitae*. Como assinala Armelle Enders, em “*O Plutarco Brasileiro*”: *a produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado*, o referido projeto biográfico de Barbosa trouxe algumas hesitações para os letrados. A principal delas se referia à nomenclatura ideal a ser usada na seção destinada às breves notícias biográficas. Quem é passível de ter sua vida legada, através da rememoração, à posteridade? Apenas brasileiros nascidos no Brasil ou também há espaço para os que foram naturalizados? Ainda mais: o que seria ser brasileiro em se tratando do período colonial, por exemplo? Fato é que o nome dado à dita seção sofre, ao longo dos anos, modificações.

Essas distinções servem para evitar resolver o problema de saber quem é brasileiro e quem não é, evidentemente insolúvel no período colonial. A constituição de uma galeria nacional que deita suas raízes no período anterior a 1822 postula a existência linear do Brasil a partir de sua saída do limbo em 1500. São portanto dignos de figurar na honorável lista aqueles que nasceram no Brasil, mas se tornaram ilustres no exterior, como dom Francisco de

⁴¹ *Revista do IHGB*, 1839, p. 14.

⁴² *Ibidem*.

Lemos de Faria Pereira Coutinho, reitor de Coimbra, ou aqueles que viram a luz fora do Brasil mas influíram em sua história.⁴³

A publicação de biografias não se reduziu somente ao IHGB, posto que ao longo do século XIX muitos historiadores escreviam em periódicos de grande circulação, além do lançamento de obras como a *Galeria dos brasileiros illustres (contemporâneos)* (1861), de Sébastien Augustie Sisson; *Brasileiras Celebres* (1862), de Norberto de Sousa Silva; *Pantheon Fluminense* (1880), de Prezalindo Lery Santos etc. Dentre esse leque de obras citadas, insere-se a publicação em 1847 de *Plutarco Brasileiro*, escrito por João Manuel Pereira da Silva, um dos mais profícuos historiadores brasileiros do Segundo Reinado.

Segundo o autor, sua preferência por adotar a forma biográfica deve-se ao fato de que “por lhe parecer que narrando a historia dos homens illustres do pais conjuntamente com a dos grandes sucessos, que tiveram logar durante suas vidas, mais agradava a seus leitores, e mais folgas lhe dava á sua attenção”.⁴⁴ Se agradar a seus leitores era o intento de Pereira da Silva, ele conseguiu. O livro teve ampla e positiva repercussão no grande público. Aspecto que comprova isso é a edição revista e aumentada, em 1858, sob o título de *Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniais*. A repercussão do livro também encontrou eco na imprensa, porém nem sempre de maneira elogiosa. A principal crítica residia na falta de ordenação cronológica na obra, algo que Pereira da Silva busca corrigir na nova edição. Não obstante, o autor também foi acusado de por um excessivo colorido em *Plutarco*. Como diz um de seus críticos: “[...] Sua animação e vivacidade passa muitas vezes a ser poesia apaixonada [...] e em quase todos os lances principaes dos heróes do *Plutarco*; assim muitas vezes a biographia torna-se uma lenda ou uma *estancia*”.⁴⁵ Parece, contrariamente do que Pereira indica na introdução de *História da Fundação do Império*, de 1864, quando ressalta não perder de vista a “[...] rectidão escrupulosa e imparcial que constitue a primeira qualidade de quem se dedica a escrever a história”, pois “[...] teria remorsos de disfarçar a verdade por fraqueza, altera-la por paixão, ou

⁴³ ENDERS, Armelle. “O Plutarco Brasileiro. A produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 25, 200, p. 44.

⁴⁴ SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1847, pp. vii-viii.

⁴⁵ *Idem*, p. 221.

imagina-la por preguiça”⁴⁶, que aqui poeta e historiador confundem-se. Não obstante, em artigo publicado pela Gazeta Official do Brasil no mesmo ano de lançamento da obra a qualidade imaginativa e artística do autor é adjetivada positivamente.

O Putarco Brasileiro, pela correnteza do estylo e pompa das imagens, seduz e prende a atenção como um romance. Instrue, porque vos guia pela mão ao conhecimento histórico dos feitos do passado; vos familiarisa tanto com os homens dos outros tempos, como se com elles vivêsseis. Attinge um fim tão moral quão patriótico, porque produz no leitor o desejo de imitar aquelles cujas nobres acções se lhe descrevem.⁴⁷

A biografia, enquanto gênero de escrita, aproximava-se da *historia magistra vitae* na tentativa de legar à posteridade os feitos dos homens do passado para serem passíveis de imitação no presente, o que caracteriza um espaço de experiência contínuo em que as três ordens de temporalidade – passado, presente e futuro – confundem-se através da exemplaridade, repetição e imitação. Quando o cônego Barbosa, em 1839, questiona-se sobre o aparecimento ou não de *varões preclaros* na história do Brasil⁴⁸, Pereira da Silva parece responder afirmativamente. As vinte biografias escritas por ele comprovam isso. E ao escrevê-las, ele permite a esse trabalho traçar algumas reflexões sobre a escrita da história durante esse período em geral e sobre o papel da imaginação em particular.

2.2 A imaginação no poeta: uma análise de *Plutarco Brasileiro*

Admiravel foi sua vida; - seu engenho o collocou na primeira linha dos poetas lyricos da lingua portuguesa.⁴⁹

⁴⁶ SILVA, João Manuel Pereira da. *História da Fundação do Império*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier Editor, vol. 1, 1864, p. 7.

⁴⁷ SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro*, *op. cit.*, p. 225. Na edição de 1858 essa crítica é atribuída à J. J. da Rocha.

⁴⁸ “No período de pouco mais de tres seculos não terão apparecido, neste fértil continente, varões preclaros por diversas qualidades, que mereçam os cuidados do circumspecto historiador, e que se possam offerecer ás nascentes gerações como typos de grandes virtudes?”. *Revista do IHGB*, 1839, p. 15.

⁴⁹ SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro*, *op. cit.*, p. 82.

A terceira biografia do volume de *Plutarco Brasileiro* é dedicada a Souza Caldas (1762-1814), que foi sacerdote católico, poeta e orador sacro, além de ter escritos diversas obras líricas, acentuando-se sua tradução dos Salmos. Pereira da Silva relaciona à vida do biografado acontecimentos negativos da história portuguesa. Eis alguns exemplos: o ano de seu nascimento corresponde à perda da Colônia de Sacramento para os espanhóis. Sua entrada na universidade é contemporânea à morte do rei D. José I. A isso se acrescenta sua saúde débil. Pereira da Silva sugere que isso tenha afetado a maneira de Souza Caldas se portar socialmente. Frio de trato e reservado são as expressões usadas pelo historiador. O biografado parece não ter algo a oferecer ao leitor que possa animá-lo e elevá-lo moralmente, posto que a tristeza e a saúde fraca de Caldas ocasionam justamente um efeito contrário. O que fazer? Fechar o livro para não continuar a ler a história triste desse homem que largou a advocacia pelo sacerdócio? Pular para a próxima biografia? Antes que alguma dessas perguntas chegue à mente do leitor, Pereira da Silva se antecipa ao dizer que a poesia foi o que retirou Souza Caldas da solidão presente no seu coração. Para ser poeta, contudo, é preciso imaginar e se inspirar naquilo que confere significado ao escritor. As inspirações do poeta Souza Caldas vão além da história dos feitos passados.

E não foi só a historia dos feitos antigos que exaltára a imaginação do poeta: a pompa da religião catholica, o esplendor dos templos, e a geração extraordinaria de engenhos superiores, que ainda modernamente produzira terra tão rica, empapada de immortalidade, velha como a historia, e sempre fresca e viçosa como uma ficção de fadas, avivaram-lhe e poetisaram-lhe a phantasia [...].⁵⁰

O autor de *Plutarco Brasileiro* diferencia duas escolas da poesia lírica portuguesa. Enquanto uma é caracterizada por ser “[...] terna, doce, e musical; o metro torna-se cadente e sonôro; a rima é languida, igual, e angélica; a palavra tão apropriada [...]” a outra se destaca, pois “[...] abandona a forma, as vestes exteriores, desampara a lindeza do verso, e só procura pensamentos altivos, elevados, e grandiloquos”.⁵¹ Se o líder da primeira é Camões, Souza Caldas situa-se, de acordo com o autor, na segunda escola, na qual há espaço para atrevidos e arrojados vãos. Após fazer essa distinção,

⁵⁰ SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro*, op .cit, p. 77.

⁵¹ *Idem*, p. 84.

Pereira da Silva parte para a análise das poesias escritas pelo biografado. Para o autor, “a poesia de Caldas é uma faísca de fogo escapada da poesia hebraica, e que leva a luz mais penetrante ao coração e á alma do homem”.⁵² Aqui reside a dimensão da imaginação do poeta para Pereira da Silva. Se a relação com a poesia hebraica pode ser explicada pela importância da religião na vida de Souza Caldas, à metáfora da faísca de fogo é passível uma analogia com uns dos significados da palavra imaginação no século XIX, a saber, imaginação viva. O poeta, por meio de seu exercício imaginativo, precisava comover o leitor, tornar o passado presente e re-significá-lo. Nesse sentido, a importância atribuída à linguagem é fundamental, já que é ela a responsável por materializar o referido passado. A linguagem de Souza Caldas consegue desenhar e pintar com novas cores um quadro imaginado subjetivamente e retratado através da palavra. Imaginação viva. Palavra viva. Nesse momento de sua análise, Pereira da Silva tece um importante comentário acerca da ode *Existencia de Deus*. O poeta não só imagina, mas ao imaginar ele também inventa.

Não ha que admirar unicamente em Antonio Pereira de Souza Caldas uma imaginação vasta, brilhante, ilimitada; uma superabundancia de magestosos e magníficos pensamentos; um como que excesso, ou mesmo exageração da faculdade de inventar, e de produzir, que possuia em gráo subido, agglomerado por essas odes sacras, e em tão pequeno circulo, tantas, tão differentes, tão variadas, e ao mesmo tempo tão grandiosas ideias; é que fora elle dotado com essa força preciosa, com esse raro privilegio que se intitula – genio, e que comprehende o gosto, e a invenção; - o gosto, que é o poder de sentir e conhecer o que é bello, e – a invenção, que é o talento de imaginar, e produzir – o verdadeiro genio não se contenta com vêr e admirar, mas tem vontade ardente, e irresistível força de exprimir.⁵³

Finalizando a biografia de Souza Caldas, Pereira da Silva parte para a análise da tradução dos Salmos, de Davi. Antes, porém, ele se volta para a defesa de uma poesia eminentemente nacional. Isso é feito a partir da crítica aos antigos e da relação que a poesia portuguesa mantinha até então com eles, algo que o poeta retratado consegue se desvencilhar, sendo considerado pelo historiador-biógrafo o primeiro a fazer isso. A

⁵² *Idem*, p. 89.

⁵³ SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro, op .cit*, p. 91.

tradução dos Salmos foi tão bem feita por Souza Caldas que, de acordo com Pereira da Silva, era como se o próprio Rei Davi tivesse a feito, o que remete para a dimensão da *cor local*, entendida com a tentativa de se reproduzir a vida ou a realidade de outrora fielmente.⁵⁴ A tradução para a língua francesa feita por João Baptista Rousseau é criticada por ter faltado ao tradutor imaginação e gênio. Já em relação àquela feita pelo biografado apresenta dois aspectos positivos. O primeiro é a brilhante imaginação, que nos dizeres do autor, é capaz de transpor a obra e, além disso, a potencialidade da língua portuguesa. A imaginação poética é encontrada em Souza Caldas e isso não constitui senão uma virtude para o poeta. Mas até que ponto o leitor enxerga essa imaginação naquele que é retratado por Pereira da Silva? Qual a influência do autor nesse processo? Em outras palavras, encontra-se aqui a imaginação poética do poeta somada a imaginação do historiador-biógrafo ao retratá-la e em alguns pontos elas parecem confundirem-se entre si. A crítica sobre o excessivo colorido em *Plutarco* reforça essa confusão. No entanto, a leitura de outras obras de Pereira da Silva indicam sua preocupação em “controlar” a imaginação, mediante imparcialidade, leitura das fontes, evidência documental etc., para se atingir o primeiro objetivo de todo o historiador, nas suas palavras o alcance da verdade histórica.

2.3 A imaginação no historiador: uma análise de *Plutarco Brasileiro*

O historiador necessita ser philosopho, estadista, poeta, jurisprudente, financeiro, theologo, militar; o historiador necessita enfim possuir uma universidade de instrucção, superior talvez á que Cicero exigia para o seu – Orador. -⁵⁵

Enquanto que no poeta a imaginação pode apresentar “atrevidos e arrojados vôos”, o mesmo parece não proceder quando se trata de um historiador. No segundo volume da primeira edição de *Plutarco Brasileiro*, o historiador Sebastião da Rocha Pita (1660-1738), autor de *História da América portuguesa*, de 1730 é um dos biografados. Após uma primeira parte apresentando ao leitor alguns aspectos da vida pessoal de

⁵⁴ Sobre a questão da cor local ver: CEZAR, Temístocles. Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 8, n. 10, pp. 11-34, jul./dez., 2004; CARDOSO, Eduardo Wright. *A cor local e a escrita da história no século XIX: o uso da retórica pictórica na historiografia*. Minas Gerais: UFOP, 2012. Dissertação de mestrado.

⁵⁵ SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro*, op .cit, p. 74.

Rocha Pita, Pereira da Silva começa a formular algumas reflexões sobre a história. Segundo o autor, há duas escolas históricas. A primeira conhecida como *descriptiva* e a segunda como *fatalista*. São características dessa primeira escola a neutralidade e a imparcialidade do historiador. Preocupando-se primeiramente por “[...] narrar os acontecimentos, o pintar os costumes, e o descrever as physionomias [...]”, os principais historiadores dessa escola, além de Heródoto, pode-se também dizer que “conta nas suas fileiras os Benedictinos francezes D. Bouquet, D. Mabillon e Froissard, os italianos São Marco e Villani, o portuguez Fernão Lopes, e o allemão Raumer, e tem por seu mais aperfeiçoado discipulo o Barão de Barante”.⁵⁶

A segunda escola histórica, a *fatalista*, pesquisa e relata os grandes acontecimentos do mundo, nas palavras de Pereira da Silva, seu nome advém justamente da apresentação desses acontecimentos como “efeitos de um fatalismo”, no qual “as cousas tem um curso regular, seguem-no precipitadamente; os homens são apenas instrumentos d’elles; sua missão está de antemão marcada, e tem de ser necessariamente cumprida”.⁵⁷ Com isto, por estar separada da moral a ação humana não é livre. A escola *fatalista* ainda subdivide-se em outras duas veredas: “a religiosa, philosophica e symbolica; e a vereda sceptica, material e athéa”.⁵⁸ Contudo, para Pereira da Silva “a verdadeira e unica escola historica é a de Tácito e de Thucydides; é a de Gibbon e a de Niebuhr; é a de Machiavelli e de Muller; é a de Plutarco e a de Thierry; é a de Polybio e de Lingard”.⁵⁹ Nessa escola as qualidades morais e intelectuais estão juntas.

A verdadeira e unica escola historica exige qualidades moraes, e qualidades intellectuais em gráu eminente. O amor da verdade, e só da verdade, deve caracterizar o historiador; para consegui-la, torna-se necessario um zelo de exactidão, um escrupulo de paciencia a toda a prova; os tumulos, os monumentos, os epitaphios, tudo lhe serve; decifrará com o mesmo cuidado os velhos e estragados archivos, os torturados documentos, e os livros limpos e acciados; procurará a verdade no meio do pó dos manuscritos, e a custa de vigalias e dobrados trabalhos; e conseguida a verdade, necessita de todo o

⁵⁶ SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro, op. cit.*, p. 70.

⁵⁷ *Idem*, p. 71.

⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁹ *Ibidem*.

sangue frio de seu juízo, para distribuir justiça, e analisar com imparcialidade.⁶⁰

Como assinala Temístocles Cezar, em *Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX*, nesse trecho, acima citado, pode-se encontrar o alargamento da noção de documento ao longo da cultura histórica no século XIX.⁶¹ A história não se encontra apenas nos arquivos, mas também em outros locais, posto que “tudo lhe serve”. Pereira da Silva também assemelha a tarefa do historiador a de um juiz. Não obstante, o historiador só pode julgar caso aja com imparcialidade para alcançar a verdade. Esse intento parece anular a dimensão criativa do historiador, não objetivando inventar um passado, mas sim buscando trazê-lo até o leitor de maneira atrativa e interessante. Se o historiador tem um papel de suma importância ao tornar o passado visível para o público em geral, ele também deve questionar-se sobre a melhor maneira de fazê-lo. O historiador-biógrafo acrescenta que para o historiador “verdade e compreensão, justiça e inteligência, sabedoria e imaginação – tudo lhe é mister para dar vida á sua obra, alma á sua narração, interesse á sua obra, parecida physionomia ás épocas que descreve, e proprias vestes aos acontecimentos que narra”.⁶² Como, então, pode o historiador dar conta de estabelecer a verdade, com imparcialidade e critério, e conhecer perfeitamente os fatos e aliar a isso a sua dimensão imaginativa? Aqui, contrariamente ao poeta Souza Caldas, a imaginação precisa ser controlada. A subjetividade no trabalho do historiador é o que confere criatividade à sua narrativa. Ocorre, porém, que sendo o responsável pela tarefa de tirar do esquecimento as marcas das atividades dos homens ele deve proceder criteriosamente. Ao lado da imaginação presente no historiador, existe também espaço para dimensão subjetiva do estilo, considerado próprio de cada escritor. Quer dizer, o historiador não deve se prender a um único estilo, já que ele “manifestando ou materializando suas idéias, fôrma o seu estilo conforme seu character, sua índole, e sua imaginação: essas mesmas idéias lhe vão proporcionalmente creando, vigorando, fortalecendo, e aperfeiçoando o estilo”.⁶³

⁶⁰ *Ibidem*.

⁶¹ CEZAR, Temístocles. “Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX”, *Métis. História & Cultura*, v.2, n.3, jan./jun., 2003, pp. 73-94.

⁶² SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro, op., cit*, p. 75.

⁶³ *Idem*, p. 77.

Pereira da Silva se questiona, e ao fazer isso faz o leitor também questionar-se, se *História da América Portuguesa* contém elementos que o levem a considerar ser uma boa história. No que tange à busca de documentos, os mais diversos possíveis, Rocha da Pita fez, para o historiador-biógrafo, um bom trabalho. Mais adiante, a indagação minuciosa e o ardente desejo de saber aliada à imparcialidade e justiça no trato com o passado são realçados. Não obstante, Rocha Pita erra por tratar “as lendas religiosas dos missionários, e as lendas poéticas do povo, como acontecimentos reais; ou não ousou rebatê-las, ou acreditou-as; peccou por qualquer dos modos”.⁶⁴ Pereira da Silva sugere que Rocha Pita deixou-se arrastar pela imaginação alheia. O que fica claro aqui é aqui nem toda a imaginação é útil à história. Convém a imaginação capaz de dar um colorido a mais ao trabalho do historiador, tornando mais atrativa e agradável de ler a sua obra do que aquela imaginação poética relacionada a lendas e a narrativas sobre as origens das nações do mundo, por exemplo.⁶⁵ Apesar da crítica, Pereira da Silva elogia Rocha da Pita não apenas como historiador, mas também como intelectual: “adquirira também sobeja instrução em todos os ramos dos conhecimentos humanos, [...]: era dotado ainda de imaginação brilhante, e de variada phantasia, para reunir o agradável ao necessário, o bello ao útil”.⁶⁶

Da análise da obra de João Manuel Pereira da Silva é possível depreender a sua preocupação em relação ao seu trabalho e a importância atribuída a ele na tentativa de estabelecer para a jovem nação sob o reinado de Dom Pedro II uma tradição intelectual. Quer dizer, Pereira da Silva é um dos responsáveis pela materialização do projeto biográfico que havia sido proposto, ou melhor, esboçado pelo cônego Cunha Barbosa. Além disso, o historiador também foi membro do IHGB, além de outras agremiações intelectuais. A imaginação observada em seu trabalho, por vezes, parece confundir-se com a sua própria *phantasia*. Lidar com o passado, não obstante, para ele requeria um comprometimento, acima de tudo, com a verdade histórica. Porém, uma história, nesse caso em questão as vinte biografias compostas também deveriam ser agradáveis de ler. Foi nesse duplo movimento entre a busca pela *cientificidade* em um momento que a disciplina história dava seus primeiros passos nessa direção e a busca por *criatividade* com o emprego de um estilo atraente para o leitor que Pereira da Silva constituiu

⁶⁴ *Idem*, p. 81.

⁶⁵ Cf. CEZAR, Temístocles, *op. cit.*, pp. 80-81.

⁶⁶ SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro*, *op. cit.*, p 84.

Plutarco Brasileiro. Nesse sentido, pode-se concordar com a assertiva de um de seus críticos: “O auctor soube repassar e ungir a sua obra com perfume da poesia, sem contudo sacrificar a verdade histórica: as biographias dos Brasileiros illustres são pois ao mesmo tempo a chronica nacional, e apotheose acadêmica do commemorado.”⁶⁷

⁶⁷ *Idem*, p. 227.

3. Capítulo III

Potência, com que a alma representa na fantasia algum objeto: imaginação viva, potência de conceber, ou perceber e representar os objetos bem, e vivamente.⁶⁸

Nós o vimos, nós o respeitamos entre a esposa e os filhos, e entre os seus amigos e rivaes; nós o vimos, nós o admiramos nos dialogos da philosophia, no culto das letras, e no recinto do parlamento, seja-nos sempre cara a sua memoria e sirva de exemplo a todos os que aspiram á virtude, essa vida sem mancha, que é o maior legado que deixa á sua numerosa familia.⁶⁹

3.1 A presença da morte nos discursos dos membros do IHGB

Há muitas maneiras de se agir perante a morte de alguém que nós foi importante. A dor e a saudade decorrente da perda acarretam nos homens um sentimento de vazio, de uma vida que fora e que não retornará. Na Grécia Antiga, como mostra Tucídides, havia os chamados ritos fúnebres em que se homenageavam os primeiros combatentes vítimas da Guerra do Peloponeso, conflito envolvendo as duas principais cidades-estado gregas Esparta e Atenas.⁷⁰ Como era de costume entre os atenienses, um cidadão escolhido pela população por ser considerado o mais preparado e qualificado fazia um discurso homenageando os mortos. Péricles é o escolhido e sua fala representa a relação entre a morte e a cidade, na medida em que os mortos na guerra só são passíveis de permanecer na memória dos que o escutam e das gerações futuras, porque morreram em nome da cidade, morreram para proteger a liberdade. Além do mais, o exemplo dos combatentes mortos deveria servir de estímulo para que no presente se fizesse o mesmo: “Esta, então, é a cidade pela qual estes homens lutaram e morreram nobremente, considerando seu dever não permitir que ela lhes fosse tomada; é natural que todos os sobreviventes, portanto, aceitem de bom grado sofrer por ela”.⁷¹ Saindo da Grécia Antiga e viajando pelo tempo aterrissa-se na França no período entre a Idade Média e meados do século XVIII. O que se verifica nesse período, no caso francês, é uma

⁶⁸ Ver Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre Rafael Buteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. Disponível em: www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299210.

⁶⁹ *Revista do IHGB*, 1852, p. 241.

⁷⁰ TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

⁷¹ *Idem*, p. 100.

proximidade entre vivos e mortos. Quer dizer, a separação hoje por vezes tão bem delimitada entre vivos e mortos e o sagrado e o profano nesse momento não estava estabelecida. A morte era vista não em oposição à vida, mas como decorrência dela.⁷² No Brasil do século XIX, especificamente para os letrados do IHGB, a morte de algum membro importante do Instituto deveria ser lembrada e rememorada. Para rememorar, isto é, lembrar novamente, era necessário, por meio do discurso e da ação da palavra, causar admiração pelo morto. Uma morte re-significada e digna de ser louvada traria, segundo o pensamento dos que homenageavam seus colegas falecidos do IHGB à imortalidade alcançada por meio da saudade que não passa, na verdade, que não pode mesmo passar, pois deve se eternizar.

Eu não pedirei uma lagrima para o grande cidadão que hoje deplora o Brazil, porque a lagrima já no tempo de Cicero secava prontamente; eu não pedirei uma memoria material, um padrão caduco, um moimento das artes; peço uma saudade, uma saudade que se eternise, transmittida a nossos filhos, e por estes a nossos netos: o cidadão idealista deve perpetuar-se nos corações das gerações futuras, elle deve ser um mytho nas crenças da patria e um symbolo na religião do patriotismo.⁷³

Os discursos fúnebres, ao contrário dos elogios e necrológios históricos, eram pronunciados no momento em que se sepultavam os corpos dos antigos sócios do Instituto e só depois eram publicados na *Revista do IHGB*. Uma comissão era enviada e o orador era encarregado de prestar uma homenagem fazendo um discurso breve. Em 1852 aparece uma publicação na revista relacionada ao pronunciamento de Manuel de Araújo Porto Alegre por ocasião do falecimento do senador Francisco de Paula Souza e Mello. Nesse momento, o orador lembra-se da ausência de quase todos aqueles que foram importantes para que o acontecimento de 1822 fosse possível, pois “o livro da Morte os vai inscrevendo de dia em dia, e passando os seus nomes para o livro da Humanidade, para as paginas da historia, para esta imagem da vida que foi, e que é a sombra do passado, e que é o écho do borborinho das accções humanas”.⁷⁴ Souza e

⁷² REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 73-4.

⁷³ *Revista do IHGB*, 1852, p. 241.

⁷⁴ *Idem*, p. 239.

Mello é mais um desses *heróis* que vai desaparecer de *nossas vistas*. Antes que isso aconteça, é necessário ressaltar aquilo que está na segunda epígrafe introdutória desse capítulo. O homenageado foi visto, o homenageado foi admirado, o homenageado não pode ser esquecido. Entrando para as páginas da história e tentando fazer sua imagem, por assim dizer, não se apagar não apenas o indivíduo é beneficiado, mas a própria pátria.

Confessemos ainda, senhores, diante da mortalha de carne que encerrou essa alma tão grande e tão ilustrada, que a causa da pátria acaba de perder um grande defensor, e as nossas instituições um grande conservador. Faz honra à nação brasileira o exemplo de um homem tão sincero [...] o seu rosto se conservou sempre voltado para esse mesmo sol, que vira despontar em 7 de Setembro, e que ha 29 annos resplende na terra da Vera Cruz. Filho da liberdade, nunca d'ella se esqueceu.⁷⁵

A palavra imaginação já aparece dicionarizada no século XIX. Entendida como “a potência de conceber, ou perceber e representar os objetos bem, e vivamente”, ela também pode ser definida como “o poder que todo homem tem de representar em sua mente as coisas visíveis, e materiais”.⁷⁶ Para fazer isso, Manuel de Araújo, faz uso de outros recursos cognitivos. Com isso, o que se quer dizer é que está presente principalmente nos discursos fúnebres pronunciados pelos oradores do IHGB maneiras de lidar com a perda decorrente da morte, por meio da palavra dita, que possibilitam a re-descrição do real. Não é que haja a falsificação de uma dada realidade, apenas que ela pode ser descrita novamente com a ajuda de outros recursos cognitivos, objetivando causar no ouvinte o despertar de emoções. Dentro dessa dimensão, o orador também opera com outros recursos, sobretudo comparações através da dicotomia. Em Souza e Mello isso aparece por meio da dicotomia entre corpo e alma.

Todos conheceram esse homem phenomenal, que no meio de continuos soffrimentos tinha uma cabeça robusta e em cuja existência se contrastavam a par e passo a materia e o espirito. N'um corpo valetudinario, que pendia para a sepultura, se encontrava uma alma forte que duplicava de valor no meio dos combates parlamentares; um corpo que se vergava para a terra do

⁷⁵ *Idem*, p. 240.

⁷⁶ Essa definição aparece nos manuais de eloquência do século XIX.

esquecimento, e uma alma que se elevava para o céu da glória; uma voz branda que mal roçava os ouvidos dos que o rodeavam, desprendia uma logica cerrada, uma cadêa de idéas tão superiores que levava ao fundo dos corações a pureza de suas intenções [...].⁷⁷

Pode-se avançar na questão com o discurso proferido por conta do falecimento de Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, publicado pela *Revista do IHGB* em 1855. A trombeta de um anjo anuncia a morte, cuja repercussão atravessa os vales e as montanhas da terra da Cruz. A idéia contida aqui, dita por Joaquim Norberto de Souza Silva, é mostrar que esse acontecimento marcou uma ruptura entre um momento caracterizado pelo *brado victorioso do Ipiranga* e que foi sucedido pelo *canto das preces*. O luto substituiu o riso. *Por toda a parte o pranto! Por toda a parte a dor!*⁷⁸ O despertar de emoções pode ser intensificado ou diminuído devido à qualidade persuasiva do orador. Seu discurso precisa seduzir e prender a atenção dos que o escutam. Não são apenas palavras rebuscadas e faladas eloquentemente as responsáveis por isso. O orador também põe à disposição de seu discurso a sua própria humanidade. Seu louvor em nome do homenageado alcança o efeito necessário buscado à medida que o público, que se faz presente, o vincula à sinceridade. Aqui menos importa o conjunto de citações dos cargos públicos ocupados por quem agora parte para o desconhecido e nem suas obras literárias, por mais respeito que se dê a elas. O que se quer é causar no público um sentimento de ausência/presença. O corpo está ausente, porém a história traz e mantém a presença.

Sua alma já penetrou os umbrais da eternidade, e o seu nome desde este momento solemne pertence às paginas da historia. E como radiante, ouro e sublime não surge agora para a posteridade que começa! Em vão a imprensa desregrada, esquecida de sua missão bela, sublime e grandiosa, como o proprio pensamento de Gutenberg, em vão a celeuma dos partidos contrarios, acezos de paixões mesquinhas e tão pequenas se debatendo no seio da grandeza da patria, pretenderam manchar uma reputação que todos os dias se sublimava, que todos os dias avultava com o engrandecimento da patria que elle promovia.⁷⁹

⁷⁷ *Revista do IHGB*, 1852, p. 241.

⁷⁸ *Revista do IHGB*, 1855, p. 476.

⁷⁹ *Ibidem*.

Para unir vivos e mortos novamente e com objetivo político explícito de elevação moral dos cidadãos para que seguissem o mesmo exemplo de patriotismo e amor pelo país era necessário reconstituir o passado utilizando-se de fragmentos. O orador agia como historiador, pois mediante um processo de escolha do que dizer aos seus ouvintes nos funerais estabelecia o que era importante de ser dito ou não. Seu olhar para o passado do morto ali homenageado partia a partir de preocupações suscitadas no presente. Esse aspecto assemelha-se, mantendo as devidas diferenças de espaço e tempo, ao que o historiador François Hartog escreve sobre os atenienses do século IV, momento em que se buscava tornar o passado visível.

Aparentemente, já não é o presente que dita sua lei ao passado, mas o passado é que é evocado para orientar o presente. Mas qual é realmente esse passado? Trata-se de um passado amplamente *ad hoc*, mediante o qual, a partir de uma trama já mais ou menos fixada, cada orador virá trazer suas variações em função de seu projeto político e da situação do momento.⁸⁰

3.2 A relação entre a manutenção da *historia magistra vitae* e a imaginação

Do mesmo modo que há uma eloquência dos historiadores (os discursos fabricados por eles), assim também há uma história “oratória” ou para uso dos oradores: a dos *exempla* que, através de personagens ou de episódios célebres, recorre ao passado a fim de fornecer precedentes ou propor modelos a imitar. O exemplo é um momento da argumentação e um expediente de persuasão.⁸¹

Para Hartog, o que aproximava historiadores e oradores na antiguidade era o uso por parte dos primeiros dos *exempla*.⁸² Com isso, a história era entendida como *magistra vitae* em que se verificava um campo de experiência contínuo e voltado para o passado a fim de ser possível aprender com o que antes ocorrera para que não se repetisse os mesmos erros no presente.⁸³ Não obstante, de acordo com Koselleck⁸⁴,

⁸⁰ HARTOG, François. *Evidências...*, *op. cit.*, p. 69.

⁸¹ *Idem*, p. 43.

⁸² *Ibidem*.

⁸³ O historiador francês, dito de forma simplificada, caracteriza o regime de historicidade antigo pela preponderância do passado, da *historia magistra vitae*, enquanto que o regime de historicidade moderno se caracterizaria pela forte marca do futuro, isto é, as lições da história partem do porvir. HARTOG,

entre os séculos XVIII e XIX, vê-se surgir uma nova experiência histórica a partir do constante tensionamento e aumento progressivo entre o campo de experiência e o horizonte de expectativas, em que a história se torna um coletivo singular. A *Historie* é substituída pelo surgimento da *Geschichte*. O historiador alemão busca explicar essa mudança a partir de dois elementos: as mudanças no campo lexical alemão e a revolução francesa, que rompeu com qualquer experiência anterior. Ao analisar a documentação que serve de base para esse trabalho (elogios e necrológios históricos e os discursos fúnebres), além do discurso de inauguração pronunciado pelo cônego Januário da Cunha Barbosa, observa-se a manutenção do *topos historia magistra vitae*. Mesmo quando não há menção explícita à expressão, a própria maneira de fazer e pensar a história nesses casos leva a crer na predominância de uma perspectiva histórica ainda não completamente moderna. É sabido que o historiador alemão na sua obra está se referindo ao contexto europeu e as transformações ocorridas lá. Valdeci Araújo, porém, interessa-se por esta questão sobre o “problema do significado e transformações no uso da expressão *historia magistra vitae*”⁸⁵ em relação ao caso brasileiro. Para o autor, a hipótese de seu estudo passa pela continuidade não da totalidade, mas de certos fragmentos do *topos*, como a ideia de se aprender pelo exemplo a ser seguido, imitado e repetido, e sua relação com o processo de constituição dos estados nacionais. Isso parece evidente no caso brasileiro, pois, como já acentuado nesse trabalho, o projeto do IHGB está estritamente ligado com a questão nacional e a formação de uma identidade na nova pátria, visando a concretização do projeto político monárquico brasileiro. Quer dizer, a manutenção da ideia da história como mestra da vida no Brasil permanece simultaneamente à exigência de novos procedimentos no fazer história, como a crítica documental, a imparcialidade do historiador, o cuidado com as fontes, que perpassará o século XIX. A utilização da imaginação como recurso cognitivo eficaz para a apreensão

François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

⁸⁴ KOSELECK, Reinhart. “*História magistra vitae*. Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento. In: KOSELECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

⁸⁵ ARAUJO, Valdeci Lopes de. “Sobre a permanência da expressão *historia magistra vitae* no século XIX brasileiro”. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdeci Lopes de. (orgs.). *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 132.

do passado está vinculada à manutenção da expressão atribuída ao orador romano Cícero, mesmo que re-significada em alguns aspectos ou desprovida de maior reflexão por parte dos letrados do IHGB, sobretudo nos seus pronunciamentos individuais. Passado, presente e futuro se encontram entrelaçados em um campo de experiência contínuo. O presente busca as respostas de suas demandas no passado, enquanto que este busca não ser esquecido pelo presente e o futuro aqui aparece como a continuação e a concretização de um objetivo começado pelo passado, intensificado no presente e que pode encontrar sua forma plena no futuro. O que une esses três estratos temporais é a monarquia e tudo o que ela representa para o Brasil oitocentista. Isso não deve causar maiores surpresas tampouco um sentimento de inferioridade por pensar o Brasil durante o século XIX atrasado em relação às demais potências européias. Isso apenas nos mostra a complexidade que se pode encontrar ao pensar o Brasil e o fazer histórico durante esse período.⁸⁶ Para Cícero, em *Do Orador* (II, 36), a história era a testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira do passado. Para os letrados do IHGB, sobretudo no período inicial do XIX, ainda que possa não haver um consenso definitivo sobre a questão, pois aqui se faz referência a homens pertencentes a diversas correntes de pensamento – os próprios debates ocorridos dentro do Instituto dão prova disso – a história tinha esse sentido. *Lux veritatis*. Como pensar a história como luz da verdade? E como deixar essa luz da verdade não se apagar? A resposta é imaginando. Ou em outras palavras, tratar o ausente, o que já passou não como irreal, mas com anterior ao que se tem hoje, no caso, ao que se tinha naquele presente. A homenagem aos letrados do IHGB lançava essa luz da verdade daquilo que deveria ser seguido e não apenas contemplado. É necessário também lembrar que o passado já foi presente. Alguém já o viu e o presenciou. Ele é evidente. Não obstante, o passado também pode se mostrar frágil à medida que o que se herda dele são fragmentos e não a sua totalidade, o que poderia implicar em pensar o passado como decorrente de uma ilusão. É nesse conflito que o papel da imaginação pode ser realçado e relacionado a uma experiência temporal ainda não totalmente moderna. A imaginação pela potência de conceber, ou perceber e representar os objetos bem, e vivamente se refere a um passado existente em que a luta travada pela construção da pátria e o

⁸⁶ A história no século XIX continuou a ser “mestra da vida”, não é sua capacidade de ensinar que foi questionada, mas o que e como ela podia ensinar. Por isso, a continuidade no uso da expressão não nos deve surpreender, mas nos alertar para a complexidade crescente de seus usos e a multiplicidade de seus significados. *Idem*, p. 145.

fortalecimento da monarquia como projeto político unificador devem ser exemplos a serem seguidos. E os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro mostram-se sempre dispostos a corrigir as falhas da memória, aqui essencialmente, em não permitir o esquecimento. *Vita memoriae.*

4. Conclusão

Não vemos os homens, os animais, as casas que recenseamos; nem as instituições que descrevemos. Somos obrigados a imaginar os homens, os objetos, os atos e os motivos que estudamos. Essas imagens constituem a matéria concreta da ciência social, ou seja, o objeto de nossa análise.⁸⁷

Ao percorrer o tempo, o historiador situa-se em um momento em que o futuro era antecipado para o presente pelos homens do passado à luz do seu próprio passado; pela imaginação, ele reconstrói um momento passado como um presente fictício em relação ao qual ele redefine um passado e um futuro. Seu passado é um futuro com três dimensões.⁸⁸

Proust, em *Doze lições sobre a história*, dedica um capítulo de seu livro à relação entre a imaginação e a atribuição causal. Para o historiador, existe uma forte aproximação entre a compreensão e a imaginação na construção da história. O historiador, na prática de seu ofício, buscar relações causais, faz suposições, questiona-se a si e as pessoas de outro período histórico, ou seja, procede criativamente. Se o passado não é mais passível de ser apreendido pela visão, é preciso imaginá-lo. Este foi o meu principal intuito neste trabalho de conclusão de curso o de tentar demonstrar de que maneira os letrados que compartilhavam de um espaço em comum, o IHGB, imaginavam e retratavam o passado. Ao longo dessa tentativa uma série de dificuldades ocorreram – o que é normal –, porém o que manteve a busca da questão colocada na parte introdutória do trabalho foi também uma preocupação atual, que pode ser definida no questionamento sobre o status da disciplina história atualmente. E isso é ampliado sobre as interrogações do quanto ainda o trabalho de *resgatar o passado do esquecimento* é ou não provido de criatividade. Quer dizer, os historiadores de hoje preocupam-se com esses questionamentos ou apenas estamos produzindo conhecimento histórico que pela sua enorme quantidade se tornará estéril em algum momento? A história consegue envolver as pessoas atualmente? Os historiadores são criativos, conseguem pensar em soluções originais para as demandas suscitadas pelas pessoas em comum? Nós nos preocupamos com isso? O fato é que quando se mira a lente da

⁸⁷ SEIGNOBOS, Charles *apud* PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 153.

⁸⁸ PROST, Antoine. *Doze lições... op. cit.*, p. 163.

história para o Brasil oitocentista, na primeira metade do século XIX, observa-se a preocupação dos sócios do IHGB de alguma maneira pensar em soluções para as interrogações do presente. Eles tinham o objetivo de unificar o país, fortalecer a pátria, tudo sintetizado no apoio à monarquia constitucional de D. Pedro II. Era esse o objetivo da história para eles e o passado utilizado de maneira prática conferia o que W. von Humboldt desejava tanto, a saber, o sentido para a realidade.

Talvez, hoje, o principal objetivo daqueles que lidam com a história seja o de imaginar *outros mundos possíveis* não como uma utopia desprovida de reflexão, mas como a possibilidade de imaginar criativamente uma diferente maneira de se viver e de resolução de problemas presentes na sociedade atualmente. Humboldt também tinha razão ao chamar seu texto de *Sobre a tarefa do historiador* e não da história. Com isso, o pensador alemão queria reforçar o papel da história como uma disciplina dentro das ciências humanas e que é construída permanentemente e não uma realidade dada *a priori*. A história deve servir à vida, dizia Nietzsche. A história é alma, vida ativa, dizia Humboldt. A história deve contribuir para responder as demandas suscitadas no presente, escreveu em alguns de seus textos Hayden White. Ao longo do tempo, muitos foram os desafios impostos à disciplina. Outros ainda serão postos. Nosso papel é o de absorvê-los e procurar respostas criativas. Imaginar saídas possíveis.

5. Fontes Principais

Acervo do IHGB. (Elogios históricos, necrológios e discursos fúnebres) Disponível online e para download em: <http://ihgb.org.br/rihgb.php?s=19>:

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: tomos I-XXIII.

SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1847.

_____. *Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniães*. Pariz : Livraria de A. Franck..., : Livraria de Guillaumin..., 1858. 2 v

6. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Valdeí Lopes de. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

_____. "Sobre a permanência da expressão *historia magistra vitae* no século XIX brasileiro". In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAÚJO, Valdeí Lopes de. (orgs.). *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011

BANN, Sthephen. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

BANN, Sthephen. *The clothing of clio: a study of the representation of history in nineteenth-century Britain and France*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

BOEIRA, Luciana Fernandes. Dois mundos em revista: visões e influências da historiografia francesa para a escrita da história do Brasil oitocentista, *Revista de Teoria da História*, 11, maio/2014, pp. 11-38.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.

CARDOSO, Eduardo Wright. *A cor local e a escrita da história no século XIX: o uso da retórica pictórica na historiografia*. Minas Gerais: UFOP, 2012. Dissertação de mestrado.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

CEZAR, Temístocles. "Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual", PESAVENTO, S. J. (org.) *História cultural*.

Experiências de pesquisa. Porto Alegre: Ed. da Universidade (UFRGS), 2003, pp. 173-208.

_____. "Lição sobre a escrita da história. Historiografia e Nação no Brasil do século XIX", *Diálogos*. Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá/PR, v.8, n.1, 2004, pp. 11-29.

_____. "Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX". *Métis. História & Cultura*, v.2, n.3, jan./jun., 2003, pp. 73-94.

_____. Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 8, n. 10, pp. 11-34, jul./dez., 2004

DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

_____. *A cultura historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos 1970*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

ENDERS, Armelle. "'O Plutarco Brasileiro'. A produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 25, 2000, pp. 41-61.

GUIMARÃES, M. L. S. "Entre as Luzes e o Romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista". In: *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006

_____. *Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

_____. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma História Nacional", *Estudos Históricos*, RJ, 1, 1998, pp. 5-97.

HARTOG, François. *A história de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

_____. *Evidência da história: o que os historiadores vêem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. *Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HUMBOLDT. "Sobre a tarefa do historiador". In: MARTINS, Estevão de Rezende. *A história pensada: teoria e método na historiografia européia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.

KRAMER, Lloyd S. "Literatura, crítica e imaginação histórica: O desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra". In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KOSELLECK, Reinhart... [et al.]. *O conceito de história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LE GOFF, Jacques. *As mentalidades: uma história ambígua*.

MALERBA, Jurandir (org). *Lições de história*. Rio de Janeiro/Porto Alegre: FGV/PUC-RS, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre História*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RANKE, Leopold von. *Pluebos y estados em la historia moderna* (1824). México: FCE, 1986 (prefácio).

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007.

_____. *A metáfora viva*. Lisboa: Res, 1983.

_____. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010 (3v).

SILVA, Antonio de. Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre Rafael Buteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. Disponível em: www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299210.

Silva, J. M. Pereira da. *Historia da fundação do imperio brasileiro*. Rio de Janeiro : B.L. Garnier, 1864-1868. 7 v

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

_____. *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.